



#### 4ª Sessão

24 de abril de 2002

sinopse por Andréa Naccache

"Como passar no mundo algo de sua especificidade?". Jorge Forbes recupera esta questão da sessão anterior, para lhe conferir uma nova versão: "como ser feliz?".

"Felicidade" é uma palavra complicada, associada à cultura do "I'm OK, you're OK". Mas em certa ocasião foi usada por alguém distante desta cultura: Lacan. Em 1975, na Universidade de Yale, ele responde, em uma frase enigmática, algo sobre o momento de término de uma análise: "quando o analisando está feliz de viver, isto basta". Como definir o que é estar feliz?

Do ponto de vista analítico, diz Forbes, talvez seja a possibilidade de *estar em correspondência com o seu ato*. Retoma: há um *ato* quando a pessoa responde sem esperar que o tempo elucide sua decisão ou traga a verdade. Então, num *ato*, é preciso suportar a *certeza*, com responsabilidade; o que não corresponde a ter a verdade.

A verdade científica faz o sujeito irresponsável - e é possível perceber em quê: sob as mesmas condições, ela reproduz-se em qualquer lugar do mundo, independentemente do observador. É como a primavera de Fernando Pessoa: "não precisa de mim"<sup>[1]</sup>. Já a certeza depende "de mim".

Lacan tocou a questão no prólogo aos Escritos, quando afirmou que eles não podem ser lidos sem comprometimento, sem atravessar o corpo da pessoa que lê. O caminho da certeza, portanto, não passa pela razão. Daí ser ela sempre suscetível de questionamento.

Forbes comenta a posição de Caetano Veloso em uma entrevista sobre o futuro do país: "o Brasil vai dar certo porque eu quero". No amor, não há outra razão senão "porque eu quero". A frase de Caetano não é pretensiosa; traz uma ousadia, assume um risco.

Ao tomar o partido da certeza, a psicanálise figura como *práxis* contra os mecanismos totalitários do bem-estar. Forbes comenta a perda de espaço do discurso de oposição ao totalitarismo, no contexto de escalada política da extrema-direita na Europa. Para ele, os intelectuais de oposição ao autoritarismo têm discursado de maneira ineficaz, com justificações que ainda refletem a verticalidade ideológica, quando, na globalização, esta perspectiva já não convence. O discurso autoritário tem vez de forma mais sutil: na própria democracia, ele aparece com a proposta de que "tudo tem remédio" (que se ouve da psiquiatria biológica, em algumas ocasiões).

Este é o tema do próximo encontro, em 8 de maio de 2002, com as presenças de Tercio Sampaio Ferraz Junior, quando Renato Janine Ribeiro será indagado: "que pacto social podemos aguardar na globalização?". Forbes recomenda, para o encontro, a leitura de dois livros de Renato Janine, *A Democracia* e *A República*, da coleção Folha Explica.

A psicanálise figura como uma prática que preserva o "não há remédio para tudo", em oposição ao totalitarismo. A leitura de Freud, porém, nem sempre foi conduzida nesta

direção. Sua afirmação, “wo Es war, soll Ich werden”, de cunho ético (pois traz o verbo *dever*, “soll”), foi traduzida pelos leitores da segunda tópica do seguinte modo: “o ego deve substituir o *isso*”.

Se a ética freudiana é essa, então ela tende ao *todo* saber. A psicanálise representaria, neste caso, um mecanismo de adequação do sujeito, uma vez que o *ego* opera no suposto contato da pessoa com o mundo. Para Forbes, não se trata de assumir uma ética da psicanálise em que o *ego* venha ocupar o lugar do *id*. Lacan retraduziu a frase: “onde *Isto* estava, devo *Eu* advir”. A análise recupera para a pessoa a possibilidade da experiência original. Permite voltar ao ponto anterior à ficção. Com Lacan: uma análise vai “da ficção à *fixão*”. Vai da verdade ficcional ao ponto de certeza, fixação do gozo.

Em um de seus diálogos, o *Menon*, Platão questiona a possibilidade de que a virtude seja ensinada. Para isto, ela teria que assumir uma razão e ser compreendida. Só que a virtude, Platão constatou, não passa pela razão e, portanto, não se transmite por nenhuma convenção.

Do mesmo modo, não adianta explicar a psicanálise (“ninguém vai fazer análise por convencimento de mesa de bar”). Forbes relata um caso da sua clínica, de alguém que, ao procura-lo, conta ter demorado para ligar porque não acredita em psicanálise. O analista responde que isto não muda nada, e sugere que, sendo assim, falar mal da psicanálise em sessão já seria um bom começo. Tanto a transferência positiva quanto a negativa são suficientes para a análise. Importa que o sujeito fale.

Mas como saber quando uma pessoa é analisada? Na instituição de onde veio Lacan, o critério era a frequência do tratamento, por 5 anos, com um analista didata. Ele contestou: isso não quer dizer nada. Só há sintoma em análise quando a pessoa está comprometida. Igualmente, só há saída com comprometimento. A tal ponto que o final de análise não está sujeito à avaliação do analista, ele não dá alta ao analisando (pode, isto sim, avalizar a saída).

Lacan criou o *Passe* em 1967, convencido da necessidade de saber se uma análise era eficaz ou não. O *Passe* tem estrutura discursiva e indireta: a pessoa que resolveu a “pedra no meio do caminho” da sua vida, relata.

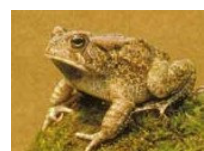
Há uma banca que recebe seu relato (o *cartel do passe* ou *júri*). Ao invés de ensinar, esta banca pretende ser ensinada pelo *passante*, já que é radicalmente novo o que ele concluiu. É, portanto, um mecanismo avesso ao universitário. No procedimento, relata sua experiência para duas pessoas, os *passadores*, que transmitem ao *cartel do passe* o que ouviram. Cada relato ocorre em momentos diferentes, e está sujeito a intervenções – não se trata da repetição de um texto.

Para escolha dos *passadores*, há um sorteio entre pessoas da Escola que estejam, em suas análises, num momento de desalienação, desvincilhando-se do narcisismo das suas identificações, desorientadas, angustiadas. Lacan pressupõe que pessoas nesse momento aflito possam perceber quem viveu situação semelhante. Ao receber o relato dos *passadores*, enfim, o *cartel* dá o veredicto.

Pergunta de Forbes: se uma pessoa faz o *passe* no cartel X e tem resposta positiva, isto significa que se fizesse no cartel Z, ao mesmo tempo, deveria esperar a mesma resposta? Não necessariamente. Se houvesse regularidade quanto ao *passe* diríamos que os analistas descobriram a formatação da virtude. O critério universal, porém, seria anti-psicanalítico.

O mecanismo criado por Lacan não é do “x (símbolo lógico do *para-todo*). A psicanálise é *práxis* do  $\emptyset$ ”x (*não-todo*). Não há expectativa de “paratodizá-la”. Analistas só podem ser tomados um a um. Nada normaliza ou define “o analista”.

Lacan preocupou-se em manter a orientação em uma análise. Quando um analista diz “volte amanhã”, é preciso saber para quê. Diferente disso é a psicanálise como relação intersubjetiva, ou interpessoal, que propõe: “veremos juntos, ao longo do tratamento, o que se passa”, “enfrentaremos as dificuldades” – o analista em uma postura de sujeito igual ao analisando, apenas *mais experiente*. A relação interpessoal faz da psicanálise harmônica, complementar; submete-a ao “bom-senso”. Com Lacan, faz-se o oposto: uma psicanálise da radical diferença.



Dois são os títulos criados por Lacan para a composição da Escola:

- AE (analista da escola): atribuído a quem atingiu o cerne analítico, o *êxtimo*. Não implica que a pessoa pratique a psicanálise. É um título a que a pessoa candidata-se.

- AME (analista membro da escola): é quem deu prova de reconhecido exercício clínico e teórico. Este título é conferido sem candidatura.

Há, ainda, uma terceira posição:

- AP (analista praticante): a própria pessoa designa-se como tal, e a Escola apenas acata: "ela informa que atende pessoas em análise".

Forbes fez uma pesquisa com três AEs que retomaram as suas análises. Pôs questões:

(1) *O passe é o final de uma análise?*

Comenta: caso a resposta a esta questão seja afirmativa, a retomada de uma análise após o *passe* implicaria que houve um erro? Mais ainda, se muitos retomarem-na, o mecanismo fica desacreditado? Se não há mais análise e a pessoa tiver um novo sintoma deve buscar recursos farmacológicos para se tratar?

(2) *O passe realizado em uma determinada época teórico-clínica é igual ao de uma época posterior?*

Forbes desenvolveu o tema que a primeira clínica de Lacan é linear, terminando na travessia do fantasma, enquanto a segunda é topológica, terminando na identificação ao sintoma; daí a questão.

(3) *Uma mesma pessoa pode ter vários finais de análise?*

(4) *Como julgar um final de análise pela identificação do sintoma, ou na sensação de "estar feliz na vida"?*

Estas questões foram o ponto de partida para as entrevistas realizadas com os AEs François Leguil, Hugo Freda e Estela Solano Soares. Forbes abordará resultados dessa pesquisa na sessão de seu Seminário em 29 de maio.

<sup>[1]</sup> Referência ao poema *Quando*, de Alberto Caeiro, que tem como primeira estrofe: "Quando vier a Primavera, / Se eu já estiver morto, / As flores florirão da mesma maneira / E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada. / A realidade não precisa de mim."

